

pais do tratamento da equivalência nos dicionários bilingües para a combinação inglês-castelhano na área jurídica e propõe uma nova representação da equivalência.

Esperamos que os textos aqui presentes contribuam para o desenvolvimento dos estudos relacionados à terminologia, lexicografia e tradução.

Porto Alegre, novembro de 2007.

Cleci Regina Bevilacqua e Patrícia Chittoni Ramos Reuillard
Organizadoras

Terminologia – Uma área de conhecimento trans e interdisciplinar A evolução desde Eugen Wüster¹

Heribert Picht²

Tradução: Leonardo Zilio³

Revisão: Erica Sofia Luisa Foerthmann Schultz,

Maria José Bocorny Finatto, Patrícia C. Ramos Reuillard e Elisandro José Migotto⁴

Resumo: O objetivo deste artigo é mostrar a evolução do estudo da Terminologia após o trabalho fundamental de E. Wüster, isto é, após 1975. Para isso, é apresentada uma breve visão geral dos fundamentos da Teoria Wüsteriana. Conjuntamente, é descrita e documentada a evolução dos últimos 15 anos. São apresentadas as ligações com a teoria de Wüster, a parte das disciplinas e campos do conhecimento que surgiram após 1975 e que exerceram influência determinante para o desenvolvimento e também a Teoria da Terminologia, que, mais do que nunca, mostrou seu perfil como campo de conhecimento inter e transdisciplinar. Por fim, é proposta uma definição para a Terminologia moderna.

1. Introdução

Neste artigo busca-se mostrar a evolução e o aumento do conhecimento ocorridos na área da Terminologia após Eugen Wüster, o fundador da Teoria

¹ Traduzido com a permissão do autor para publicação nos *Cadernos de Tradução* do Instituto de Letras da UFRGS, a partir do texto original *Terminologie – Ein trans- und interdisziplinäres Wissensgebiet. Die Entwicklung nach Eugen Wüster*. Publicado em *Fachsprachen. Internationale Zeitschrift für Fachsprachenforschung, -didaktik und Terminologie*. Áustria: p. 2-18, 1993. Este artigo é a versão em alemão do trabalho preparado pelo autor para a mesa redonda de Terminologia do 15º Congresso Internacional de Linguistas de 1992. O texto em inglês se encontra publicado na revista *ALFA*, Vol. 7, 1994.

² O Prof. Dr. Heribert Picht é professor aposentado da Faculdade de Administração de Copenhague, Dinamarca, e renomado terminólogo, um dos mais importantes integrantes da Terminologia da tradição *wüsteriana*.

³ Bacharel em Letras pela UFRGS, com habilitação em tradução do alemão para o português.

⁴ Professoras do Instituto de Letras, UFRGS. Aluno do Bacharelado em Letras.

Geral da Terminologia. O tamanho deste artigo já indica que não se analisará detalhadamente cada um dos desenvolvimentos dessa área, porém, apenas os principais.

Para obter um melhor contraste e para aqueles leitores que sejam pouco familiarizados com o pensamento wüsteriano, segue um pequeno esboço da situação do desenvolvimento teórico da Terminologia no fim do período de trabalho de Wüster. São referidos principalmente seus dois estudos: “A Teoria Geral da Terminologia – uma área de fronteira entre Lingüística, Lógica, Ontologia, Informática e as Ciências Factuais⁵” (1974) e “Introdução à Teoria Geral da Terminologia e à Lexicografia Terminológica⁶”, que foi publicado pela primeira vez em 1979, seguindo-se uma segunda edição em 1985 e uma terceira em 1991; esse trabalho teve traduções publicadas para o inglês e francês em 1993.

Hoje se pode considerar incontestável, apesar da opinião de alguns críticos, que Wüster foi o primeiro a elaborar uma Teoria da Terminologia coerente e avançada em relação às demais, determinante para o desenvolvimento dessa área nos últimos 15 anos.

No tempo de Wüster, permanecia incerta e duvidosa a hipótese da classificação da Terminologia como um “princípio”, uma “teoria” ou uma “ciência” independente. Porém, o próprio Wüster mostrava o termo “teoria” como o mais adequado (1974, p. 63). Nesse mesmo trabalho, ele caracterizou a Teoria Geral da Terminologia como “estudo interdisciplinar” e, se considerarmos o título e conteúdo do estudo, não restará dúvida de que “interdisciplinar” quer dizer “que abrange várias áreas do conhecimento”.

O objetivo da Terminologia aparece logo no primeiro capítulo “Comunicação técnica internacional⁷” de seu primeiro e fundamental trabalho: “Normatização Lingüística Internacional na Técnica, principalmente na Eletrotécnica⁸” (1931, p. 3). Esse estabelecimento de objetivo alterou seu significado com o passar dos anos. Hoje em dia, ele estaria provavelmente descrevendo a denominada “comunicação especializada”, a qual está somente a um pequeno passo da “transferência de conhecimento” em sua concepção mais ampla. “Interdisciplinaridade” e “comunicação especializada” marcam por um lado a própria origem e orientação técnica e por outro a teoria cunhada decisivamente por ele.

O fato de Wüster ter sido engenheiro é bastante conhecido. Porém, menos sabido é o fato de que sua área de interesse abrangia diversas outras, como

⁵ N.T.: No original: *Die Allgemeine Terminologielehre – ein Grenzgebiet zwischen Sprachwissenschaft, Logik, Ontologie, Informatik und Sachwissenschaften.*

⁶ N.T.: No original: *Einführung in die Allgemeine Terminologielehre und Terminologische Lexikographie.*

⁷ N.T.: Internationale technische Verständigung.

⁸ Internationale Sprachnormung in der Technik, besonders in der Elektrotechnik.

Lingüística, línguas artificiais, Filosofia, Ciência da Informação, Direito etc. Se olharmos para os temas que aparecem em sua bibliografia, (Reiter 1975) – ela reúne 643 registros – e dedicarmos um tempo para analisar a *Wüsterbibliothek* (Bühler, 1982, p. 96 *et seq.*), hospedada pela Infoterm⁹, veremos uma imagem afinada com suas áreas de interesse e de influência.

Eis alguns fatos:

- já em sua juventude Wüster era, indiscutivelmente, um esperantista, e até hoje ainda é conhecido pelos especialistas em esperanto;
 - suas ligações com a Lingüística foram grandes, principalmente com L. Weisgerber, mas também com outros lingüistas famosos do seu tempo, as quais perduraram por décadas, como se pode perceber pelas trocas de cartas existentes;
 - sua orientação pelo “Círculo de Viena”, seguindo Carnap, é inegável e foi mostrada explicitamente por Nedobity (1984, p. 42 *et seq.*);
 - a ligação com a Ciência da Informação se manifesta em muitos dos seus trabalhos, como, por exemplo, no de 1970, p. 138 *et seq.*;
 - suas contribuições extremamente numerosas para a normatização são conhecidas e muito documentadas;
- Assim era o *background* especializado do homem que é, geralmente, considerado o fundador da Terminologia moderna. Mas o que aconteceu desde sua morte? Como a Terminologia continuou a se desenvolver? De forma antecipada, pode ser dito que:
- surgiram novas perspectivas de desenvolvimento;
 - são registráveis um crescimento e um aprofundamento do conhecimento;
 - ocorreu uma integração das áreas científicas e das disciplinas com as quais a Terminologia se envolveu;
 - são observáveis alterações de ênfase de formação e de orientação de propósitos.

Esses itens, colocados primeiramente como asserções, devem ser, agora, tratados com maior detalhamento.

2. Definição de Terminologia

Deve-se aqui lembrar da definição da Terminologia, estabelecida por consenso na década de 60. Na recomendação da ISO ISO/R 1087 (1969, p. 13), está assim:

⁹ N.T.: International Information Centre for Terminology (Infoterm). Veja <http://www.iso.org>.

“TERMINOLOGIA (1) (ciência): campo do conhecimento que trata das formações e denominação de conceitos, seja em um campo especializado de estudo ou em um conjunto de todos os campos de estudo.¹⁰”

Essa definição não deixa transparecer a variedade de disciplinas e ramos científicos ligados à Terminologia. Poderia, dessa forma, abrir uma série de pesquisas, principalmente lingüísticas, que hoje são designadas como “Lexicologia/Lexicografia Especializada”. A única indicação de que se trata de Terminologia é a denominação “conceitos”, que é menos comumente encontrada em disciplinas de Lingüística.

Além disso, para a crítica dessa definição, deve ser levado em conta que ela provém de uma recomendação internacional, cuja origem – assim como a de qualquer norma – está fundamentada em acordos. O resultado final pode ser considerado somente como o “mínimo denominador comum”.

3. Um outro caminho

Nós nos baseamos nos trabalhos antes citados para cumprir nossos propósitos e também para poder mostrar um panorama acurado dos entendimentos da Terminologia ao longo do tempo.

A divisão já é dada logo no primeiro título: “A Teoria Geral da Terminologia – uma área de fronteira entre Lingüística, Lógica, Ontologia, Informática e as Ciências Factuais”.

3.1. Lingüística

Quando Wüster fala em Lingüística, nesse trabalho, devemos lembrar de que ele opõe explicitamente a “ciência da língua comum” (1974, p. 67ff.) à Terminologia e destaca diferentes características. Esse enfoque deve ser visto, entre outras coisas, diante de um *background* de tentativas de delimitação entre língua comum e língua(s) especializada(s) que era(m) contemporânea(s) a ele.

Além disso, deve-se ressaltar que ele agregou, desde cedo (1931, p. 3), a Terminologia à “Lingüística Aplicada” e manteve essa concepção (1974, p. 64). Essa classificação reflete também a muito bem documentada esperança de Wüster de encontrar nessa disciplina uma plataforma produtiva para a Terminologia, que, aparentemente, foi dada pela primeira vez nas respectivas comissões da AILA

¹⁰ N.T.: No original: TERMINOLOGY (1) (science): the field of knowledge treating of the formations and naming of concepts, either in a special subject field or of the aggregate of all subject fields.

(*Association Internationale de Linguistique Appliquée*). No início dos anos 80, ficou claro quão pouco produtiva a Associação se mostrou. A Comissão de Terminologia da AILA foi, por fim, dissolvida e, somente após cerca de dois anos, reconstituída. Nesse ínterim realizaram-se fóruns que não sinalizavam nenhuma ligação parcial com a AILA ou com a Lingüística Aplicada. Permaneceu-se assim na expectativa de saber se a nova comissão da AILA traria alguma contribuição para a Terminologia.

São também interessantes para a nossa descrição os títulos de dois simpósios que foram realizados já em 1969 e 1971 na Universidade de Moscou: “O lugar da Terminologia no sistema das ciências¹¹” e “O problema semiótico das línguas da ciência, a Terminologia e a Informática¹²”. Essas apresentações expandiram muito a definição da ISO de 1969 e mostraram o já então existente início e a busca por uma classificação adequada da Terminologia na estrutura das ciências.

Digno de destaque aparece nessa seção o tema “desenvolvimento lingüístico”, que se refere ao aspecto do planejamento lingüístico e da normatização (1974, p. 69). O aspecto interdisciplinar da Terminologia entra de forma mais abrangente no ponto “reflexão lingüística internacional” (1974, p. 70).

Em um parágrafo longo, Wüster discorre sobre “representação lexical”, destaca diferenças entre o início lingüístico e terminológico e faz referência ao precursor (Schlomann, IEC) daquela disciplina, que hoje é conhecida como Terminografia.

3.2. Lógica e ontologia

Sem entrar em maiores particularidades, a ligação dessas áreas do conhecimento à Terminologia deve ser esboçada pelas próprias palavras de Wüster. Ele diz: “O trabalho da Terminologia parte dos conceitos. Não lhe resta mais nada, no que diz respeito ao lado conceitual, a não ser se apoiar nas ciências que são competentes para fazer a relação entre conceitos e entre indivíduos, isto é, na Lógica e na Ontologia” (1974, p.85).

Essas afirmações deixam claras duas coisas:

Por um lado, *quais partes* dessas áreas do conhecimento são relevantes para a Terminologia e, por outro, *quais funções* elas preenchem na Terminologia.

Ou, mais concretamente falando: trata-se das áreas da “Teoria dos Objetos”, da “Teoria dos Conceitos” e das relações entre objeto e conceito, entre objetos e entre conceitos, dos tipos de relação e sua realização em sistemas de conceitos e de existências e sua representação.

Lingüisticamente falando, poderíamos dizer que se trata do inventário teóri-

¹¹ N.T.: No original: Der Platz der Terminologie im System der Wissenschaften.

¹² N.T.: No original: Semiotische Probleme der Wissenschaftssprachen, der Terminologie und der Informatik.

co e metodológico para a descrição e representação adequadas da semântica dos sistemas de conceitos das ciências factuais. O fato de que esse enfoque exige um alto grau de conhecimento técnico e de concisão, que o método lingüístico não consegue oferecer satisfatoriamente, bem como algumas concepções terminológicas básicas não correspondiam às concepções teóricas vigentes da Lingüística, levaram naquela época – e, esporadicamente, ainda hoje – à refutação e, às vezes, a críticas violentas do meio da Lingüística, – classificações como “lingüísticamente fútil” e “dogmático” não eram incomuns, - sem que fosse indicada, porém, nenhuma tentativa de solução alternativa viável que também resistisse a um teste na prática terminológica. A partir dessas observações, devemos levar em conta que, na Lingüística daquela época, dominavam as idéias de Chomsky ou as do estruturalismo, e que a questão semântica não podia ser respondida satisfatoriamente por nenhuma das duas principais correntes.

Mesmo os defensores da análise componencial contribuíram com pouco para a solução do problema dominante da Terminologia (Beaugrande 1991a, p. 43 *et seq.*). Esse retrocesso seria devido à exigência indispensável de conhecimentos em áreas em que o lingüista é, em geral, apenas um leigo? Muitos assim compreendem.

3.3. Informática

O título desta seção, hoje, é ambíguo. Ainda que Wüster indique as possibilidades da Informática para a Terminologia e, principalmente, para a Ciência da Informação, a ênfase fica, porém, para o tratamento das ferramentas da informação e na documentação, ou seja, fica nas classificações e nos *tesauros*¹³. É de seus trabalhos sobre esse tema que se depreende, visivelmente, o quão estreita é a ligação com essas disciplinas.

3.4. Ciências Factuais¹⁴

Wüster diferencia claramente as ciências factuais das, até então, chamadas ciências formais, as quais

“têm algo de essencial em comum com a Teoria Geral da Terminologia: ocupam-se, apenas geral e formalmente, dos conceitos e denominações.

¹³ N.T.: Tesauros ou *thesaurus/thesauri* são instrumentos para a indexação de documentos por parte dos profissionais de Biblioteconomia.

¹⁴ N.T.: No original *Sachwissenchaften*. Aqui se faz uma distinção entre ciências formais e ciências factuais. As ciências formais, tal como a Lógica e Matemática, estudam idéias em abstrato, não precisam recorrer a fatos e à observação. As ciências factuais, por sua vez, operam apenas com observações da realidade, de dados concretos.

Dito de outra forma: elas estudam somente as RELAÇÕES entre os conceitos, entre as denominações e entre os conceitos e as denominações. QUAIS conceitos e QUAIS denominações são essas, isso inicialmente não tem importância. Certos conceitos e denominações são considerados apenas como exemplo. Ao contrário disso, as ciências factuais são responsáveis sobre conceitos e denominações *de fato* (grifo meu), tais como, por exemplo, a Física, a Eletrotécnica, a Medicina, a Economia, o Direito” (1974, p.103).

Essa diferenciação entre o lado formal e o do conteúdo é fundamental, pois indica clara atribuição de competência. A competência metodológica cabe, assim, às ciências formais, às quais podem *juntas, mas não sozinhas* fazer justiça. Ao contrário disso, o conteúdo – a semântica – e a expressão concreta (seja de natureza lingüística ou não) estão exclusivamente sob a competência das ciências factuais. Se não fosse assim, todas as ciências factuais teriam de ser conseqüentemente ordenadas pela Lingüística – um pensamento absurdo que provocaria gargalhadas homéricas nos estudiosos dessas ciências. O oposto já foi tentado uma vez em um ramo da Lingüística da Economia, mas sem muito sucesso (Drozd 1973, p. 70). Isso é um sinal de que trabalhos multidisciplinares exigem enfoques complexos para seu tratamento e que não são tratados satisfatoriamente por uma única disciplina.

Isso não se opõe ao fato de que as terminologias de cada uma das ciências factuais podem e devem ser pesquisadas a partir de um ponto de vista formal, ou seja, também do ponto de vista da Lingüística. Essa tarefa constitui o objeto de pesquisa e a área de trabalho das “Teorias Especiais da Terminologia” (1974, p. 63).

O segundo trabalho, “Introdução à Teoria Geral da Terminologia e à Lexicografia Terminológica”, trata-se de um documento com um estabelecimento de objetivos e uma história de criação totalmente diferente que surgiu da atividade pedagógica de Wüster, exercida a partir de 1972 no Instituto de Lingüística da Universidade de Viena. O livro foi lançado dois anos depois de sua morte, como se percebe pela data de publicação (1979). Wüster não conseguiu concluir esse trabalho, porém, podem ser percebidas quais partes tencionava complementar através do índice feito. Trata-se, assim, de um fragmento tão homogêneo que hoje nos é apresentado após uma cautelosa reedição feita pelo colega de muitos anos de Wüster, o Prof. Helmut Felber, e que é a representação mais homogênea da Teoria Wüsteriana.

Se analisarmos esse trabalho sob o ponto de vista da multidisciplinaridade da Terminologia, encontraremos uma série dos elementos supracitados, como, por exemplo, a relação entre a Terminologia e a Lingüística, na qual entram subáreas como a Planificação Lingüística, a Denominação e a Lexicografia, e também a relação entre a Lógica e a Ontologia. A apresentação bastante concentrada, ao contrário do artigo acima citado, aprofunda-se muito mais e permite, dessa forma, uma visão mais abrangente das bases teóricas. O capítulo sobre os signos

ocupa um espaço especialmente maior, porém, ele não trata somente de signos lingüísticos, mas segue um enfoque semiótico, como o pleiteado por Saussure. Um enfoque que a Lingüística limitou principalmente aos signos lingüísticos.

Dessa forma, esse trabalho emoldurou o quadro da subárea da Terminologia através de mais um elemento: a Semiótica. Com isso, estaria terminada a apresentação das disciplinas e ramos científicos, que contribuíram para o surgimento da Teoria da Terminologia dos anos 70. A partir desse último trabalho, ficou muito evidente de que não se trata de uma reunião eclética de fragmentos. Em outras palavras, em meados dos anos 70, surge uma teoria completa que, por um lado, refletia o marco teórico daquela época e que, por outro, era tão cheia de perspectivas que, já na década seguinte, seria determinante para o desenvolvimento teórico. O documento completo só veio a ser publicado em 1979, mas, antes disso, partes dele já eram passadas de mão em mão. Por isso, o organizador deste artigo teve a oportunidade, em 1973, de ler em aulas os primeiros capítulos em sua forma quase completa.

4. Um salto de cerca de 15 anos

Não faz muito sentido uma explanação cronológica do desenvolvimento dos últimos 15 anos. Deve-se, antes disso, tentar opor a atual situação da Terminologia à situação acima mencionada, de modo que se mostre a evolução, o aumento do conhecimento e as tendências de hoje.

Vejam agora a definição de "Terminologia" da norma ISO 1087 de 1990. Ela diz:

CIÊNCIA TERMINOLÓGICA: o estudo científico dos conceitos e termos encontrados em línguas de especialidade.

Nota:

1. Isso inclui teorias de:
 - a. conceitos
 - b. sistemas de conceitos
 - c. representação de conceitos por meio de definições e designações
 - d. formação de termos
 - e. aspectos fraseológicos das línguas de especialidade¹⁵
 - f. princípios do trabalho terminológico e terminográfico
 - g. uma abordagem sistemática a uma ou mais terminologias

¹⁵ N.T.: A citação da fonte ISO, toda, encontrava-se no texto original alemão em inglês.

2. Para finalidade prática, educacional e de pesquisa, provou-se ser útil distinguir entre

- a. a teoria geral da terminologia, ou seja, qualquer teoria da ciência terminológica que cobre mais que um campo de estudo ou uma língua
- b. a teoria especial da terminologia, ou seja, qualquer teoria da ciência terminológica que cobre somente um campo de estudo em uma língua".

Se compararmos as definições de 1969 e de 1990 e levarmos em consideração o fato de que se trata, em ambos os casos, de normas, ou seja, que os resultados científicos não podem ser normatizados e somente obtêm valor de norma os resultados assegurados e provados na prática. Verificaremos, então, que o cerne do que Wüster apresentou em sua Introdução encontrou hoje uma grande propagação e foi internacionalmente normatizado. Para dizer com as próprias palavras de Wüster:

A norma obrigatória¹⁶ se tornou a norma do uso¹⁷.

Essa asserção não significa, de modo algum, que a pesquisa terminológica teria, dessa forma, alcançado seu objetivo final e perdido sua dinâmica.

5. Onde se encontra a Terminologia hoje?

Para poder responder a essa pergunta é conveniente que se leve em conta três aspectos:

1. Disciplinas e ramos do conhecimento que estão ligados à Terminologia;
2. A situação de pesquisa e suas tendências nas disciplinas que dizem respeito à Terminologia;
3. O grau de integração dos conhecimentos das disciplinas e ramos do conhecimento com zonas fronteiriças da Terminologia.

Esses aspectos dizem respeito, em geral, às situações dos problemas relacionados à pesquisa.

O quadro estaria incompleto se não fossem referidas a situação do ensino e do quadro organizatório. Para efeitos de completude, seria imprescindível referir-se aqui também à prática, mas isso não se pode fazer, já que requereria uma análise extensa e em separado e, dessa forma, romperia com os objetivos dessa apresentação.

¹⁶ N.T.: No original: *SOLL-Norm*

¹⁷ N.T.: No original: *IST-Norm*

5.1 O aspecto relacionado à pesquisa

Na seqüência, serão tratados os campos ligados à Terminologia em referência aos pontos 1 e 2, de forma a compreendermos melhor o quadro que mostra tanto os acréscimos ao conhecimento como também o nível de integração.

5.1.1. Teoria da Ciência e Teoria do Conhecimento

Essas áreas do conhecimento chegaram a ser, de forma mais subentendida, sempre ligadas à Terminologia (Nedobity, 1987, p. 23 *et seq.*), mas apareceram mais claramente somente na literatura dos últimos cinco anos. Importantes impasses surgiram a partir da aproximação da Terminologia e da Técnica do Conhecimento, que teve como consequência a aparição de questionamentos fundamentais sobre a essência do termo como unidade de conhecimento e/ou pensamento e sobre os problemas ligados a isso, que são os da cognição, da aquisição, da representação e do emprego do conhecimento. Essa aproximação e início de fusão de áreas aparentadas da Terminologia e da Técnica do Conhecimento também auxiliaram no início de uma nova orientação teórico-científica da Terminologia, que, por último, tenta também responder à questão sobre o auto-entendimento e a característica da Terminologia como ciência em relação às outras ciências. Essa nova orientação se manifestou nos trabalhos de Oeser (1988, p. 224 *et seq.*; 1992), Beaugrande (1998, p. 7 *et seq.*), Budin/Peschl (1990), Budin (1992).

5.1.2. Semiótica e Linguística

Se definimos a Semiótica como a teoria dos signos, então são de interesse para a Terminologia aqueles signos que importam para a representação dos conceitos e, em um sentido mais amplo, do conhecimento. Isso corresponde também ao enfoque original de Saussure, que falava de um sistema de signos semiológicos e, com isso, não se referia somente a signos linguísticos. Essa linha de pensamento já se encontra em Wüster (1979, p. 55), porém, não foi, durante longo tempo, objeto de pesquisas teórico-terminológicas. Há cerca de cinco anos, finalmente surge um ponto de transição que, de qualquer modo, pode ser atribuído a novos rumos de pensamento advindos da área da representação de conhecimento.

O enfoque mais amplo da representação de conceitos e do conhecimento não limita, de maneira alguma, o significado dos signos linguísticos, os quais, entre outros, constituem o objeto de pesquisa da Linguística. As formas de representação linguística deveriam ser constituídas somente em torno das mesmas que oferecessem signos não-linguísticos, para que pudessem levar em conta a realidade da comunicação técnica. Esses fatos não são, porém, totalmente novos; na verdade eles sempre foram empregados na prática, só que tiveram um papel reduzido na Teoria da Terminologia. Destinara-se aos signos não-linguísticos uma função auxiliar, eles serviam, antes, como complemento para a representação linguística.

O exame teórico desse ciclo de problemas e a utilização prática de seus resultados podem ser deduzidos, entre outros, a partir das publicações de Lervad (1991) e Fenk (1991), assim como a partir da norma ÖNORM A 2704 (1990). Além disso, os signos não-linguísticos foram debatidos como representações de conceitos e de conhecimento várias vezes em encontros, como, por exemplo, por Fenk (1992).

Enquanto os anos 70 e a primeira parte dos 80 foram marcados pela busca de um esclarecimento dos termos “língua comum” e “língua de especialidade” e as pesquisas com línguas de especialidade diminuam na área da Linguística Aplicada e eram encaradas por muitos linguistas somente como uma questão de estilo, as Terminologias eram vistas, pelo lado linguístico, como uma questão do léxico. Essa foi uma concepção que muitos terminólogos com perfil de língua de especialidade ou técnico e com experiência prática não conseguiram aceitar, já que muitos aspectos terminológicos da Linguística não podiam ou só podiam ser parcialmente explicados. Porém, uma contraposição extremada do tipo “Linguística vs. Terminologia” não representa a realidade, já que não faltaram linguistas que reconhecessem o significado e o estabelecimento de objetivos da Terminologia em um quadro mais amplo da comunicação técnica e da transferência de conhecimento, como, por exemplo, L. Drozd (1973 *et passim*), L. Hoffmann (1984 *et passim*), Kocourek (1982, 1991).

Os últimos cinco a oito anos abriram espaço, também aqui, para enfoques mais amplos, que também fazem referência ao conhecimento surgido na pesquisa de línguas de especialidade. Nessa relação, pode-se falar de um ramo da Terminologia orientado para a Linguística e outro voltado para a Comunicação Especializada e para a Transferência de Conhecimento (Felber, 1986, p. 113). Porém, o nível mais alto de aceitação e de integração é evidente e aparece, entre outros, nos trabalhos de Lauren/Nordman (1987), Budin (1991a, p. 28 *et seq.*), Beaugrande (1991b, p. 98 *et seq.*) e Grinsted (1992).

Alguns componentes terminológicos são contraditos na pesquisa fraseológica de língua de especialidade, na qual, partindo-se de um enfoque terminológico, os conceitos de diversos tipos e suas relações são estudados em estruturas de predicados (conhecimento em nível acima da idéia do conceito) e suas realizações linguísticas. E, como se destaca a partir da definição de Terminologia constante na norma ISO 1087, esse ramo também encontrou espaço na confecção de normas. Os primeiros impulsos para o estudo da fraseologia especializada vieram de Schlomann (1928, IX) e, mais tarde, de Warner (1966). Mas somente no início dos anos 80 é que o estudo, reanimado através de sua relevância prática na formação de tradutores especializados, foi empreendido também pelo ponto de vista da Terminologia e seus métodos.

Para esse ciclo de problemas, o Instituto Internacional de Pesquisa em Termi-

nologia (IITF¹⁸) realizou em novembro de 1989 um *workshop* e publicou os resultados em “Terminology Science & Research” (1 [1990] 1 – 2). Outras bibliografias sobre o tema: Picht (1989; 1990b), Kjær (1990), Budin/Galinski (1992).

A ligação tradicional entre Terminologia e tradução técnica se desenvolveu continuamente nos últimos 15 anos. Tem-se que registrar uma grande integração principalmente no setor de formação, onde a Terminologia aplicada à tradução se tornou, em vários lugares, um sólido componente do currículo. Um considerável número de dissertações de mestrado e monografias que têm como objeto de estudo temas terminológicos de origem prática e teórica surge em conjunto com a formação. Uma bibliografia abrangente surgiu para a integração da Terminologia à formação de tradutores técnicos; alguns exemplos são Picht (1982, p. 44 *et seq.*), Myking (1989, p. 213 *et seq.*), Budin (1991c), Arntz (1991), *workshop* do IITF “Terminology Teaching and Training”, 1991, Viena (no prelo).

Outro ramo da produção técnica de textos com uma tradição ainda mais recente é a Escrita Técnica, à qual se dedicou uma crescente atenção nos últimos anos e que se tornou prematuramente um componente imprescindível para a Terminologia. Maiores informações em Beaugrande (1991c), Lerat/Budin (1992).

A Lexicografia especializada se desenvolveu ao lado da Terminografia (sobre a qual se falará em particular mais adiante) e trouxe à tona vários enfoques teóricos. Sobre isso, entre outros, escreveram Kromann et al. (1984, p. 159 *et seq.*) e Wiegand (1987). A relação de ambas as disciplinas entre si foi tratada, entre outros, por Picht (1990a, p. 7 *et seq.*).

5.1.3. Planificação lingüístico-terminológica

O conceito de planificação lingüística está estreitamente ligado aos conceitos de cultivo da língua, unidade lingüística, purismo, política lingüística etc. Com relação à Terminologia, elementos dessa natureza se fazem sentir também na planificação lingüístico-terminológica, veja, entre outros, Maurais (1989, p. 138 *et seq.*), Jönsson (1989, p. 205 *et seq.*) e Sanøy et al. (1991). Por incrível que pareça, as atuais tendências da planificação lingüístico-terminológica ainda contêm esses elementos, mas a necessidade de uma série de línguas transformarem suas línguas de especialidade em meios de comunicação especializados válidos para garantir a transferência de conhecimento voltou ao primeiro plano. Isso não serve somente para línguas do Terceiro Mundo, mas também para várias línguas minoritárias européias. Dessa forma, criou-se, por exemplo, a partir do desenvolvimento da indústria petrolífera norueguesa, uma terminologia norueguesa da tecnologia *offshore* (Roald et al., 1986). Ações planificadoras parecidas são conhecidas, entre outras, na Catalunha, no Canadá, na Islândia e em muitos

¹⁸ Internationales Institut für Terminologieforschung [N.T.: Instituto Internacional para Pesquisa em Terminologia].

outros países e regiões lingüísticas, onde, em alguns casos, já se pode olhar para uma longa tradição.

Os países da ex-União Soviética também pertencem hoje ao círculo de países nos quais a consciência lingüística – que se refere também às línguas de especialidade e às terminologias – cresce constantemente.

Um exemplar da revista “Terminology Science & Research”, que aborda a situação terminológica em línguas geograficamente pouco difundidas, está sendo preparado. Nele serão abordados, junto com o registro de sua existência, problemas centrais da planificação lingüística terminológica sob o ponto de vista de países com condições culturais, políticas e sociais muito variadas.

5.1.4. Objeto de estudo e conceito

O conceito, uma das pedras fundamentais da Terminologia, foi tratado por Wüster predominantemente a partir do ponto de vista filosófico. Outras abordagens, que já eram conhecidas mesmo antes (psicológica, cognitiva, lingüística, a partir da Ciência da Informação, Informática), foram incluídas, nesse meio tempo, à discussão da teoria e ampliaram substancialmente o espectro de análise. Em vista disso, os trabalhos de Dahlberg (1976, p. 81 *et passim*), Oeser (1988, p. 228 *et seq.*), Felber (1984, p. 96 *et seq.*), Budin, Galinski, Nedobity, Thaller (1988, p. 50 *et seq.*) e Eckes (1991), entre outros, seriam representativos.

Oeser acrescentou construtivamente um componente dinâmico ao modelo de palavra quadripartido exposto por Wüster (Felber fala em um modelo de conhecimento teórico [1986, p. 114]). Outras dimensões foram levadas em consideração no modelo apresentado por Galinski (1992a) para discussão.

Através da inclusão de aspectos de conhecimento técnico na Terminologia, até a questão sobre o conceito como unidade de pensamento e/ou conhecimento se tornou, como já mencionado, novamente atual. Veja, entre outros, Picht (1992a).

De qualquer forma, sob o aspecto do conhecimento técnico, o objeto de estudo na Terminologia voltou ao primeiro plano. Por isso, foi concedido um espaço de maior destaque ao objeto de estudo no primeiro esboço de uma revisão da norma ISO 704 (Principles and Methods of Terminology). O título do seminário “Terminologia e Técnica do Conhecimento” sobre o tema “Elaboração do conhecimento voltada para o objeto de estudo e transferência de conhecimento” é, com certeza, um indicativo dessa tendência.

5.1.5. Relações de conceitos e de objetos de estudo

Uma movimentação renovada chegou após um período de relativa passividade na pesquisa sobre tipos de relações depois do trabalho fundamental de Wüster – isso é evidenciado em manuais terminológicos e outros trabalhos a partir das diferentes complementações para o conteúdo da norma DIN 2331 de 1980, que foram relativamente poucas e, em princípio, não relevantes. Por um lado, os tipos clássicos de relações foram submetidos a uma prova minuciosa

quanto a sua substância, a sua divisão e as suas possibilidades de aplicação (por exemplo, Nuoponnen [em elaboração]). Por outro lado, - e, não menos importante: também através de impulsos da Técnica do Conhecimento e do Ordenamento do Conhecimento – trabalhou-se na pesquisa de outros tipos de relações, que são comprovadas principalmente nas “soft sciences” e são necessárias para a descrição e exposição de conexões conceituais tecnicamente específicas. Veja, entre outros, Toft (1990, p. 202 *et seq.*; 1992) e Andersen (1992).

5.1.6. Terminografia

Pode parecer estranho que esse assunto não seja tratado junto com a Lexicografia Especializada, já que sem dúvida é dela que a Terminografia provém. Porém, o perfil atual da Terminografia mostra que ela já não pode mais, de forma alguma, ser vista como um mero apêndice da Lexicografia.

Com a aplicação dos meios eletrônicos, para a Lexicografia e Terminografia, houve uma reviravolta decisiva. As barreiras impostas até então pelos meios tradicionais (renovação constante de dados e limitação da quantidade de conhecimento exposto) puderam ser ultrapassadas. Com isso, abriram-se possibilidades que foram utilizadas de forma diferente pela Lexicografia e pela Terminografia em seus objetivos. A Lexicografia permaneceu consideravelmente em seu curso tradicional e só se aproveitou, a fundo, da possibilidade da renovação constante de dados e da facilitada manipulação dos mesmos. Isso serve, amplamente, também para a Lexicografia Especializada, que só se libertou hesitante do lastro e das limitações da Lexicografia da língua comum e que hoje apresenta freqüentemente velhos conhecimentos da Terminografia como sendo realizações novas e próprias.

Já, na Terminografia, ambos os rompimentos de barreiras foram totalmente aproveitados. Essa situação permite a criação de modernos bancos de dados, a evolução para bancos de conhecimentos, sem implicar grandes alterações conceituais, já que, além do conhecimento lingüístico, eles podem também apresentar conhecimentos de relações e, principalmente, factuais. O fato de que nem todos os bancos de dados terminológicos, que hoje assim se denominam (principalmente os mais velhos), contêm muitos conhecimentos de relações e de fatos, para que possam ser chamados de bancos de conhecimentos, não muda nada no enfoque escolhido pela Terminografia, o qual já é empregado em alguns bancos de dados terminológicos voltados para a pesquisa. Veja mais em: *The DANLEX-Group* (1987) e Picht (1990a, p. 7 *et seq.*; 1992b).

O enfoque mais abrangente da Terminografia implica que:

- parcelas de informações possam ser escolhidas e retiradas a partir da grande quantidade de informações, parcelas essas que bastem para as formas de apresentação mais pobres em conhecimento da Lexicografia Especializada. A geração pode acontecer mecanicamente. O intercâmbio na direção inversa não é satisfatório, pois dessa forma só se poderiam

criar bancos de dados terminológicos “pobres em conhecimento”, aos quais faltariam os elementos fundamentais;

- um banco de conhecimentos terminológico possa interagir com sistemas baseados no conhecimento, entre outros no sentido de que dados relacionados à língua e ao conhecimento possam ser fornecidos e inseridos (Lervad/Weilgraad 1989, p. 84 *et seq.*).
- bancos de conhecimentos terminológicos possam ser, mais além, incorporados como pedras fundamentais a sistemas mais complexos que sirvam não somente para a elaboração de dados lingüísticos; por exemplo, sistemas de informações de documentação e de informação especializada, o trabalho do tradutor e do redator técnico etc.

A evolução prática e teórica das bases de dados terminológicos ocorreu ampla e paralelamente. Dois pontos principais de dificuldade têm de ser apontados:

1. O estudo e a definição das categorias de informações
2. O desenvolvimento de classificações terminológicas de bancos de dados.

Ambos os pontos são fundamentais para o intercâmbio de dados terminológicos. A solução para o primeiro problema começou a ser compreendida através de uma tripartição (lista sobre as categorias de informações, formato, registro). Ao invés do antigo formato, que era individual e fortemente ligado a um propósito, trabalha-se na criação de uma lista normatizada (aberta) de categorias de informações, que podem ser, então, freqüentemente como parcelas, unidas a um formato ligado a um propósito determinado, de maneira que cada categoria de informação – sem olhar para sua composição em um formato – é compatível, ou seja, contém dados terminológicos do mesmo tipo.

O segundo ponto oferece mais dificuldades práticas que teóricas, já que hoje é impossível chegar a um acordo sobre um sistema de classificação unitário. Um sistema de classificação específico para bancos de dados terminológicos foi desenvolvido na Dinamarca sob a designação “DANTERM-Klassifikation” (Versão 1988). Veja também Picht (1985, p. 464 *et seq.*).

O desenvolvimento continua, entre outros, baseado nos documentos da norma internacional ISO TC 37/SC 3 e nas diretrizes para a montagem de bancos de dados terminológicos que estão sendo elaborados pelo Grupo de Trabalho 2 da Associação para a Terminologia e Transferência de Conhecimento (GTW¹⁹).

5.1.7. Técnica do Conhecimento

O início de uma fusão entre áreas da Terminologia e a Técnica do Conhecimento levou, como várias vezes já foi dito, a novos impulsos, não tanto por causa

¹⁹ *Gesellschaft für Terminologie und Wissenstransfer.*

de uma alta e especialmente desenvolvida fundamentação teórica da última, mas sim por sua debilidade. Um estreito contato entre as duas áreas do conhecimento se realizou na segunda metade dos anos 80. O primeiro encontro importante foi o “International Congress on Terminology and Knowledge Engineering”, de 1987, que ocorreu em Trier, e que deu impulso a uma série de projetos e trabalhos de pesquisa, os quais tinham em vista uma sondagem mais detalhada dos campos em comum de trabalho e de pesquisa. Os primeiros enfoques teóricos e práticos foram elaborados por, entre outros, Ahmad et al (1989). No segundo congresso (1990), foram apresentados os resultados teóricos e práticos, alguns deles relacionados até mesmo a um campo de formação intermediário das duas ciências, como, por exemplo, os trabalhos do Grupo de Trabalho 6 do GTW. Veja também, entre outros, Engel/Picht (1990, p. 47 *et seq.*), Madsen/Hansen (1991, p. 10 *et seq.*), Laaksovirta (1991, p. 4 *et seq.*) e Madsen/Stahel (1992).

A discussão teórica e prática sobre a Técnica do Conhecimento foi levada, a partir do congresso citado, para vários fóruns, entre outros, para os seminários anuais da comunidade em Viena, para dois simpósios em Varde, na Dinamarca (1989, 1992), para projetos da Comunidade Européia etc. Bibliografia sobre esse tema se encontra nos anais dos respectivos congressos e em algumas revistas especializadas.

5.1.8. Informática

A relação da Terminologia com a Informática é indireta, o que não diminui de forma alguma sua importância. Sem os progressos da informática seriam impossíveis os desenvolvimentos no campo da Terminografia, como a ampliação de sistemas de informações, a Técnica do Conhecimento, a construção de sistemas integrados (por exemplo: bancos de dados terminológicos + tradução mecânica ou com apoio de máquinas + bancos de dados bibliográficos; bancos de dados terminológicos + sistemas *experts*). Veja também, entre outros, Lervad (1991), Ahmad/Rogers (1992).

5.1.9. Ciência da Informação

O tradicional trabalho em conjunto da Terminologia com as Ciências da Informação se desenvolveu continuamente. Nesse esforço, dominam, como sempre, os trabalhos pela ordenação do conhecimento e suas ferramentas. Isso fica evidente a partir dos inúmeros anais dos congressos da *International Society for Knowledge Organization*.

Em outro ramo da transferência de conhecimento, o conceito de gerenciamento de informações voltou a ser ponto central. É visível a parte da Terminologia nessa totalidade de atividades, já que as terminologias estão ocupando um lugar chave na exploração, armazenamento e no redescobrimto da informação através das ferramentas de informação e de documentação. Veja também, entre outros, Galinski/Nedobity (1986, p.2 *et seq.*), Dahlberg (1991, p. 7 *et seq.*), Galinski (1991,

p. 15 *et seq.*), Budin (1991, p. 78 *et seq.*), Volkova (1991, p. 184 *et seq.*) e Galinski (1992b).

5.1.10. Áreas Especializadas

A relação da Terminologia com as disciplinas especializadas não mudou fundamentalmente a partir do ponto de vista teórico. Porém, a atitude das áreas especializadas mudou muito frente à necessidade de estudo e, principalmente, de aperfeiçoamento de suas terminologias específicas. A partir disso, pode-se falar genericamente em uma intensificação e em um processo de conscientização progressivo. De qualquer forma, existem claras diferenças, por um lado, entre cada uma das áreas especializadas e, por outro, dentro das diferentes línguas. Tanto antigamente, quanto hoje em dia, as áreas especializadas técnico-naturais estão quantitativamente na frente, mas também outras áreas, como Direito e Economia, começam a proteger cada vez mais sua integridade.

5.1.11. Normatização

Quando foi terminada, em 1974, uma revisão das recomendações ISO elaboradas por ISO/TC 37 (*Terminology, Principles and Methods*), começou um vagaroso processo de esclarecimento e de encontro de um ponto de vista sobre o que deveria ser regulamentado pelas normas fundamentais da Terminologia. Isso foi relativamente fácil para temas concretos como signos lingüísticos, signos lexicográficos e outros do gênero. Porém, encontrar um denominador comum para as normas teóricas como “Principles and methods of terminology” (704), “International harmonization of concepts and terms” (860) e “Vocabulary of terminology” (1087), provou-se ser muito mais difícil e demorado, já que exige uma explicação dos fundamentos teóricos. Os projetos de revisão acordados em 1974 estão hoje, em sua maioria, concluídos. Os documentos surgidos a partir do projeto indicam, em sua totalidade, o quanto a evolução da teoria encontrou neles o seu reflexo.

Os projetos de trabalho atuais de TC 37 (Annual Report of ISO/TC 37, 1991) mostram que está sendo introduzida uma nova revisão das normas teóricas 704 e 1087. O campo de “Computational aids in Terminology” com as subáreas “dataelements”, “vocabulary” e “SMGL – terminology applications” foi intensificado e novos projetos surgiram, como “documentation in terminology” e “descriptive terminology work – methodology”.

5.1.12. Escolas de Terminologia?

Desde o início dos anos 80 surgiu na bibliografia (por exemplo, Felber 1981, p. 69) o termo “Escola de Terminologia” sem que seja, porém, definido o que se deve entender sob essa denominação e em que consistem as diferenças fundamentais e “as diferenças que definem a escola”. Mais tarde, em Felber/Budin (1989, p. 44 *et seq.*) se fala em “correntes da Terminologia”, mas também em

“Escolas” (Escola de Viena, Escola de Praga, Escola Soviética). Colegas russos também denominavam de “escolas” os diferentes enfoques na ex-União Soviética, como por exemplo, a “Escola de Moscou”. Essa aparente separação é pouco útil, pois desse modo se desperta a impressão de enfoques fundamentalmente diferentes. Em um estudo, que é tido como a análise conclusiva do volume “Terminologia”, na linha de “Selected Readings in Terminology”, Lauren/Picht (1993) empreenderam a tentativa de comparação das Escolas e chegaram ao seguinte resultado:

“A paralelização de tais pares polares (refere-se a dois gráficos) poderia fortalecer a idéia de que se deveria falar em diferentes escolas e concepções teóricas. Porém, se pegarmos novamente a definição de “Escola” presente em 1 (1º capítulo), nos certificaremos que elas e correntes que são analisadas aqui apresentam ampla unidade nos pontos essenciais da definição, como “enfoque teórico”, “ordenação do objeto de pesquisa” e “estratégia de pesquisa com elementos comuns”. As aparentes divergências constituintes têm que ser caracterizadas essencialmente como pontos fortes específicos do estabelecimento de objetivos. Pontos que não são necessariamente opostos, mas que destacam facetas do mesmo campo da Terminologia e que são, dessa forma, complementares.”

5.2 Formação, material de formação e manuais

Uma apresentação abrangente da evolução da formação em Terminologia não é possível neste trabalho. Portanto, devemos nos focar somente nas principais tendências.

Pode-se concluir, a partir da bibliografia, que a formação em Terminologia já era exercida nos anos 60 em países da ex-União Soviética.

Nos países ocidentais, é possível se obter uma determinação temporal precisa. As primeiras aulas teóricas coerentes foram feitas por Wüster, em 1972, na Universidade de Viena. Depois disso, aponta-se, primeiramente, uma lenta e, mais tarde, rápida e crescente necessidade da formação terminológica. Inicialmente, trata-se, sobretudo, de cursos introdutórios mais ou menos longos, os quais foram rapidamente complementados através de componentes da formação terminológica que eram disponíveis em grandes quantidades e tematicamente mais diferenciados e voltados para os objetivos (por exemplo, a formação de tradutor especializado, a formação de pesquisador e a ligação com atividades de planificação lingüística).

A insuficiência, inicialmente, evidente de pessoas capazes de oferecerem uma formação qualificada era um problema que ainda hoje não foi totalmente superado.

No que diz respeito ao material de formação, a situação até hoje não é satisfatória, já que livros teóricos apropriados estão em elaboração somente

agora²⁰. Professores de Terminologia estão, portanto, assim como antes, muito dependentes de seu próprio material de formação.

Já manuais ricos tanto em teoria quanto em prática, ao contrário, existem e são muito empregados como material de ensino. Uma apresentação mais abrangente, que é também uma análise da situação atual do ensino na Terminologia, encontra-se nos anais do *workshop* “Terminology Teaching and Training” (no prelo), que foram apresentados pelo IITF em novembro de 1991.

Uma análise da bibliografia que surgiu em torno da formação em Terminologia (manuais, anais de cursos de pesquisadores, planos didáticos etc.) torna igualmente clara a evolução teórica da Terminologia e também a sua aplicação prática.

O número atualmente amplo de pessoas especializadas no campo da formação e pesquisa terminológicas e sua disseminação geográfica pode ser avaliado como resultado das atividades de ensino dos últimos 20 anos.

5.3. O desenvolvimento como reflexo das instituições

Esse tema também só pode ser tratado como exemplo, pois uma visão completa exigiria a elaboração de um amplo trabalho.

As alterações nos moldes institucionais podem ser descritos através dos seguintes indícios:

- a. crescente divisão de trabalho;
- b. ampliação do círculo das áreas especializadas que contribuem ativamente;
- c. ampliação do círculo das áreas da ciência ligadas à Terminologia;
- d. ampliação geográfica.

A própria natureza do tema faz com que várias características se influenciem mutuamente na realização prática – estando em conexão causal – ocorrendo ao mesmo tempo em instituições concretas.

Quando a Infoterm, em 1971, foi fundada como “International Information Centre for Terminology”, surgiu com ela o primeiro ponto internacional de cristalização. Rapidamente surgiram trabalhos que vão além das atividades de informação e, no primeiro simpósio da Infoterm, em 1975, em Viena, se decidiu por sondar as possibilidades da fundação de uma rede e por preparar sua realização. A partir do início dos anos 80, a TermNet (Rede Internacional de Terminologia) começou a tomar forma como atividade da Infoterm, mas ainda não era legalmente vista como parte. A carga de trabalho quantitativa e qualitativa da Infoterm, que representava ao mesmo tempo o secretariado da ISO/TC 37 no que diz respeito ao Instituto de Normatização da Áustria, começou a superar a capacidade existen-

²⁰ N.T.: Trata-se aqui da situação em 1993.

te. Em consequência disso, em dezembro de 1988 a TermNet foi fundada como organização independente. Logo depois, em janeiro de 1989, o IITF foi criado.

Antes, em 1986, fora fundada a Associação para a Terminologia e Transferência do Conhecimento (*Gesellschaft für Terminologie und Wissenstransfer – GTW*) em Trier. Inicialmente, ela deveria assegurar apenas a realização do Primeiro Congresso sobre Terminologia e Técnica do Conhecimento, pouco mais tarde, porém, ela se tornou uma instituição permanente com um campo de influência próprio. A Infoterm também cooperou decisivamente para a sua fundação.

Hoje, o núcleo organizativo institucional de Terminologia constitui-se de cinco instituições, cujos trabalhos são divididos, como se vê a seguir, de acordo com seus pontos principais:

- Infoterm - voltado para a informação, planejamento e deliberação, tem um forte componente de documentação especializada
- TermNet - voltada para o usuário
- IITF - voltado para pesquisa e formação
- GTW - voltada para a pesquisa e para o usuário na área limite entre a Terminologia, a Técnica do Conhecimento e a Transferência do Conhecimento
- ISO/TC 37 - voltada para a normatização; princípios e diretrizes terminológicos

As características 2 e 3 resultam, entre outras, das listas de membros das instituições, dos relatórios anuais do Infoterm e da ISO/TC 37, das listas de reuniões realizadas pelas instituições citadas e também da análise da superfície de contato das instituições.

A característica 4 se manifesta, entre outras, nas fusões regionais com diferentes estatutos legais, como, por exemplo:

- NORDTERM (associação de Terminologia de países nórdicos)
- Arabterm (associação de Terminologia de países árabes)
- RITerm (Rede Ibero-americana de Terminologia)
- RINT (Réseau Internacional de Neologie et Terminologie)

Em nível nacional, existe uma quantidade enorme de instituições de diferentes tipos que aqui não se poderia nem mesmo citar. Maiores informações são fornecidas pelo Infoterm, desde que não resultem do “World Guide to Terminological Activities”, cuja última edição foi já há alguns anos atrás (1985). Outras fontes mais atuais sobre esse tema são, entre outras, “TermNet News”, “Infoterm Newsletter” e “Terminômetro”.

6. Resumo e perspectivas

Se pensarmos em 1975 como ano base, ano no qual a bibliografia wüsteriana (as publicações e manuscritos de Eugen Wüster dos anos entre 1959 e 1975 – 09 [W 336 a W 643]) (Reiter, 1975) foram produzidos, há então um intervalo de tempo de cerca de 17 anos em que ocorreu a evolução da Terminologia aqui esboçada.

Sobre esse período pode-se dizer resumidamente que:

1. pode ser apontado um aumento de conhecimento considerável e contínuo baseado nos princípios teóricos wüsterianos, um crescimento que levou a uma fundação diferenciada e melhorada da Terminologia;
2. o desenvolvimento levou a um relacionamento direto com disciplinas que antes eram abordadas somente de forma latente ou ainda não existiam e que essas disciplinas colaboraram essencialmente para o que está dito em 1;
3. levando-se em consideração a evolução alcançada e a quota de interesse das disciplinas que estão hoje implicadas com a Terminologia, surgiu uma ligação unilateral com a Linguística Aplicada, menos apropriada que antes, já que há uma série de fatores puramente terminológicos e de elementos de natureza não-lingüística que, por isso, não puderam e não podem ser elaborados promissora e exclusivamente com métodos lingüísticos. Porém, isso não significa que a Linguística perdeu significância para a Terminologia, ao contrário, ela encontrou sozinha seu lugar apropriado (tendências parecidas são visíveis na Tradutologia). Análogo a Snell-Hornby (Reiss 1989, p. 98), pode-se dizer, a partir disso, que a Terminologia atual é uma disciplina independente e não mais um campo dentro de uma subárea da Linguística;
4. o ensino poderia se estabelecer como componente essencial de uma ciência e criar, com isso, um fundamento mais amplo para o desenvolvimento da teoria e prática;
5. surgiu um quadro muito mais organizado, o qual é uma prerrogativa para o desenvolvimento futuro.

Baseado no que foi dito até aqui, a seguinte definição da Terminologia atual pode ser posta à prova:

Terminologia: ciência inter e transdisciplinar, que tem por objeto, de um lado, o estudo do objeto, do conceito e suas formas de representação e também as relações entre elas e, por outro lado, o estudo de sua apresentação sistemática e aplicação em vários campos do conhecimento.

Apesar dos visíveis e indiscutíveis avanços, que só puderam ser descritos aqui *grosso modo* e em vista de um pequeno corte da bibliografia, é preciso também dizer que uma série de problemas espera por sua contínua elaboração e que não

estão, de modo algum, definitivamente solucionados.

Uma dessas tarefas a cumprir seria a formulação de uma Teoria Geral da Terminologia ampliada, que compreenda o conhecimento ganho nos últimos 17 anos e se ligue a um construto teórico mais aperfeiçoado.

Bibliografia citada

- AHMAD, Khurshid; PICHT, Heribert; ROGERS, Margaret. *et al. Terminology and Knowledge Engineering: A Review*. Technical Report TWB CI – 1/9/1989. Surrey: University of Surrey, 1990.
- AHMAD, Khurshid; ROGERS, Margaret. *Knowledge Processing: 1; Terminology and Artificial Intelligence: an Orientation*. Technical Report CS – 92 – 04, Computing Sciences. Surrey: Universidade de Surrey, 1992.
- ANDERSEN, Øyvin. Begrebshierarkiers formallogiske og empiriske egenskaber. In: 2. Nordisk Symposium om Terminologi, EDB og vidensteknik, 22-23/5/1992, Varde. *Proceedings*. Varde: 1992. (no prelo)
- ARNTZ, Reiner. La enseñanza de la terminología y su integración en la formación del traductor. In: *Coloquio iberoamericano sobre enseñanza de la terminología*, 24-26/6/1991. Granada: 1991.
- BEAUGRANDE, Robert de. Systemic versus contextual aspects of terminology. In: CZAP, H.; GALINSKI, C. (Orgs.). *Terminology and Knowledge Engineering*; Supplement. Frankfurt a.M.: 1988, p. 7–24.
- BEAUGRANDE, Robert de. Complexity and linguistics in the evolution of three paradigms. *Theoretical Linguistics*, v. 17, 1991a, p. 43–3.
- BEAUGRANDE, Robert de. Communication and Freedom of Access to Knowledge as an Agenda for the Special Purpose Language Movement. In: *Fachsprache*, ano 13, caderno 3/4, 1991b, p. 98–100.
- BEAUGRANDE, Robert de. Theory and Practice in the Design of Text Production Models. In: ANLOS, G.; KRINGS H. P. (Orgs.). *Textproduktion. Neue Wege der Forschung*. Trier: 1991.
- BUDIN, Gerhard. Wissensdarstellung in der Fachkommunikation. In: *Fachspråk och Översättningsteori*; VAKKI-seminarium XI, Vörå 9–10/2/1991; Vasa, S. 1991a, p. 28–35.
- BUDIN, Gerhard. Knowledge Organization and Knowledge Retrieval as Key Elements of Knowledge Management. In: International Conference on Knowledge Organization, Terminology & Information Access Management; NISKO, 1991, Bratislava. *Proceedings*. Bratislava: 1991b, p. 78–83.
- BUDIN, Gerhard. New dimensions in terminology teaching & training (TT & T). In: *Infoterm document 1 - 91*. 1991c.

- BUDIN, Gerhard. Terminologie und Fachkommunikation. In: BUNGARTEN, T.; TOSTEDT, Attikon (Orgs.). *Fachsprachentheorie Band 1: Fachsprachliche Terminologie, Begriffs- und Sachsysteme, Methodologie*, 1992. (no prelo)
- BUDIN, Gerhard; GALINSKI, Christian. Übersetzungsbezogene Phraseologieverwaltung in Terminologiedatenbanken. In: *Terminologie et Traduction*, 2/1992. (no prelo)
- BUDIN, Gerhard; GALINSKI, Christian; NEDOBITY, Wolfgang; *et al.* Terminology and Knowledge Data Processing. In: CZAP, H.; GALINSKI, C. (Orgs.). *Terminology and Knowledge Engineering*; Supplement. Frankfurt a.M.: 1988, p. 50–60.
- BUDIN, Gerhard; PESCHL, M.F. Begriffs- und Wissensmodellierung aus konnektionistischer Sicht. In: *International Preconference 'Terminology Theory*. Graz: 1990. (no prelo)
- BÜHLER, Hildegrund. The scientific legacy of Eugen Wüster. In: *Terminologies for the Eighties*. München, New York, London, Paris: 1982, p. 96–116. (Infoterm Series 7)
- DAHLBERG, Ingetraut. Über Gegenstände, Begriffe, Definitionen und Benennungen. Zur möglichen Neufassung von DIN 2330. In: *Muttersprache*, 2/1976. 1976, p. 81–117.
- DAHLBERG, Ingetraut. Knowledge Organization in the Nineties. Bases, Problems, Goals. In: *International Conference on Knowledge Organization - Terminology & Information Access Management*; NISKO, 1991, Bratislava. *Proceedings*. Bratislava: 1991, p. 7 – 14.
- DANLEX-GROUP, The. *Descriptive Tool for Electronic Processing of Dictionary Data. Lexicographica*. Tübingen: 1987. (Series Maior 20)
- DRODZ, Lubomir; SEIBICKE, Wilfried. *Deutsche Fach- und Wissenschaftssprache*. Wiesbaden: 1973.
- ECKES, Thomas. *Psychologie der Begriffe*. Strukturen des Wissens und Prozesse der Kategorisierung. Göttingen/ Toronto/Zurique: 1991.
- ENGEL, Gert; PICHT, Heribert. New Professional profiles in knowledge engineering and knowledge transfer. In: CZAP, H.; NEDOBITY, W. (Eds.). *TKE '90 Terminology and Knowledge Engineering*. Frankfurt a.M.: 1990, v. 1, p. 47–61.
- ENGEL, Gert. Conversion of Lexicographical Data to Terminological Data. In: *TAMA 92. Applications terminologiques et microordinateurs*, 1992. *Proceedings*. 1992. (no prelo)
- FELBER, Helmut. The Vienna School of Terminology, Fundamentals and its Theory. In: *Theoretical and methodological Problems of Terminology*. 1981, p. 69–86. (Infoterm Series 6)
- FELBER, Helmut. *Terminology Manual*. Paris: 1984.

- FELBER, Helmut. Einige Grundfragen der Terminologiewissenschaft aus der Sicht der Allgemeinen Terminologielehre. In: *Fachsprache*, ano 8, caderno 3/4, 1986, p. 110–123.
- FELBER, Helmut; BUDIN, Gerhard. *Terminologie in Theorie und Praxis*. Tübingen: 1989.
- FENK, August. Sprachbilder — Bildsprachen. In: *Schriftenreihe Didaktik der Mathematik*. Viena/Stuttgart: 1991, v. 20, p. 9–26.
- FENK, August. Zur Klassifizierung von Symbolen. In: Gemeinschaftsseminar 'Terminologie und Wissenstechnik' zum Thema 'Objektorientierte Wissensverarbeitung und Wissenstransfer', 20-21/1/1992, Viena. *Proceedings*. Viena: 1992. (no prelo)
- GALINSKI, Christian. Terminology & Documentation — Text Management and the Universal Availability of Information and Knowledge. In: *International Conference on Knowledge Organization, Terminology & Information Access Management*; NISKO, 1991, Bratislava. *Proceedings*. Bratislava: 1991, p. 15–35.
- GALINSKI, Christian. Inhaltliche und formale Beschreibung von Objekten. In: Gemeinschaftsseminar 'Terminologie und Wissenstechnik' zum Thema 'Objektorientierte Wissensverarbeitung und Wissenstransfer', 20-21/1/1992, Viena. *Proceedings*. Viena: 1992. (no prelo)
- GALINSKI, Christian. From 'Terminology Documentation' (TD) to 'Terminology & Documentation' (T&D) - T&D as a Prerequisite of Information Management. In: 2. Nordisk Symposium om Terminologi, EDB og videnssteknik, 22-23/5/1992, Varde. *Proceedings*. Varde: 1992. (no prelo)
- GALINSKI, Christian; NEDOBITY, Wolfgang. Eine terminologische Datenbank als Managementinstrument. In: *Unesco ALSSED-LSP Newsletter*, 1986, v. 9, n. 2, p. 2–10.
- GRINSTED, Annelise. *De erhvervsproglige uddannelser nu og i fremtiden og den sprogteknologiske udvikling*. Skriftserie 05.1992. Udgivet af Det erhvervsproglige Forskningsinstitut. Kolding: Handelshøjskole Syd, 1992.
- HOFFMANN, Lothar. *Kommunikationsmittel Fachsprache*. Eine Einführung. Berlin: 1984, 2. ed. revisada.
- ISO 704 — 1987: *Principles and Methods of Terminology*.
- ISO/R 1087 — 1969: *Vocabulary of Terminology*.
- ISO 1087 — 1990: *Terminology — vocabulary*.
- JÓNSSON, Sigurdur. Är kravet på neologismer ett hinder för terminologiarbetet? In: PICTH, H. (Ed.). *Terminologi, edb og videnssteknik*. Varde: 1989, p. 205–212.
- KJÆR, Anne Lise. *Normbetingede ordforbindelser i tysk juridisk sprog*. ARK 56; Sproginstitutternes Arbejdsrapport. Copenhagen: Handelshøjskolen i København, 1990.
- KOCOUREK, Rotislav. *La langue française de la technique et de la science*. Wiesbaden: 1982.

- KOCOUREK, Rotislav. *La langue française de la technique et de la science*. Vers une linguistique de la langue savante. Wiesbaden: 1991, 2. ed. com apresentação de Alain Rey.
- KROMANN, Hans-Peder; RÜBER, Theis; ROSBACH, Poul. Überlegungen zu Grundfragen der zweisprachigen Lexikographie. In: *Germanistische Linguistik*, 1984, n. 3-6, p. 159–238.
- LAAKSOVIRTA, T. H. The New Syllabus for Information Dissemination at the University of Vasa. In: *Terminology Science & Research*, 1991, v. 2, n. 1, p. 4–9.
- LAURÉN, Christer; NORDMAN, Marianne. *Från kunskapens frukt till Babelstorn*. En bok om fackspråk. Estocolmo: 1991.
- LAURÉN, Christer; PICTH, Heribert. Vergleich der terminologischen Schulen. In: *Terminologiewissenschaft; Selected Readings*, 1993, v. 1. (no prelo)
- LERAT, Pierre; BUDIN, Gerhard. La formation à la rédaction technique assistée. In: TAMA 92, 2nd TermNet Symposium, 5—6/6/1992, Avignon. *Proceedings*. Avignon: 1992.
- LERVAD, Susanne. In: *Analyse af den faglige kommunikation i tekstilområdet*. Tese de Doutorado. Kolding: Handelshøjskole Syd, 1991.
- LERVAD, Susanne; WEILGAARD, Lotte. TEXTILBASE — en terminologisk vidensbank. In: PICTH, H. (Ed.). *Terminologi, edb og videnssteknik*. Varde: 1989, p. 84–105.
- MADSEN, Bodil Nisrup; HANSEN, Steffen Leo. Computational Linguistics at the Copenhagen Business School. In: *Terminology Science & Research*, 1991, v. 2, n. 1, p. 10–21.
- MADSEN, Bodil Nisrup; STAHEL, Annie. Datalogvistuddannelse ved HHK. In: 2. Nordisk Symposium om 'Terminologi, EDB og vidensleknik', 22–23/5/1992, Varde. *Proceedings*. Varde: 1992. (no prelo)
- MAURIS, Jacques. Language Status Planning in Quebec. In: LAUREN, C.; NORDMAN, M. (Eds.). *Special Language: From Human Thinking to Thinking Machines*. Clevedon, Philadelphia: 1989, p. 138–149.
- MYKING, Johan. Terminologiutdanning ved Universitetet i Bergen. In: PICTH, H. (Ed.). *Terminologi, edb og videnssteknik*. Varde: 1989, p. 213–222.
- NEDOBITY, Wolfgang. Freges Begriffsschrift aus terminologischer Sicht. In: GANTER, B.; WILLE, R.; WOLFF, K. E. (Orgs.). *Beiträge zur Begriffsanalyse*. Mannheim/Viena/Zurique: 1987, p. 23–33.
- NEDOBITY, Wolfgang. Eugen Wüster und die Sprachkritiker des Wiener Kreises. In: *Muttersprache*, v. 95, ano 1984/85, 1/2, p. 42–48, 1984.
- NUOPPONEN, Anita. *Begreppssystem* (título preliminar). (em elaboração)
- OESER, Erhard. Terminologie als Voraussetzung der Wissenstechnik. In: CZAP, H.; GALINSKI, C. (Orgs.). *Terminology and Knowledge Engineering; Supplement*. Frankfurt a.M.: 1988, p. 224–231.

- OESER, Erhard. Terminology and Philosophy of Science. In: *International Symposium on Terminology Science and Terminology Planning* em comemoração a E. K. Drezen, 17–19/8/1992, Riga, Latvia. Riga: 1992.
- ÖNORMA 2704. *Terminologie*. Allgemeine Grundsätze für Begriffe und Bezeichnungen. 1990.
- OZEKI, Shuji. Was ist der Begriff? In: CZAP, H.; GALINSKI, C. (Orgs.). *Terminology and Knowledge Engineering*. Frankfurt a.M.: 1987, p. 11–20.
- PICHT, Heribert. General Plan for Training in Terminology as proposed by the Participants of the Symposium on Terminology Training, 15–17/06/1981, Oslo. *TermNet News*, 4/5, 1982, p. 4–23.
- PICHT, Heribert. Klassifikation for termbanker. In: *Nordisk Terminologikursus II*. Bd. II Rolighed' Skodsborg 5 – 16/8/1985. 1985, p. 464–477.
- PICHT, Heribert. Fachsprachliche Phraseologie. In: LAURÉN, C.; NORDMAN, M. (Eds.). *Special Language: From Human Thinking to Thinking Machines*. Clevedon, Philadelphia: 1989, p. 89–109.
- PICHT, Heribert. Terminologi i leksikogransk perspektiv. In: *Skriften på Skærmen*, n. 4. Århus: Handelshøjskolen i Århus, 1990, p. 7–32.
- PICHT, Heribert. Die Fachwendung - ein Stiefkind der Fachübersetzung. In: ARNTZ, R.; THOME, G. (Eds.). *Übersetzungswissenschaft. Ergebnisse und Perspektiven*. Festschrift für Wolfram Wilss zum 65. Geburtstag. Tübingen: 1990, p. 207–215.
- PICHT, Heribert. Grænseflader mellem terminologi og vidensteknik. In: 2. Nordisk Symposium om Terminologi, EDB og vidensteknik, 22–23/5/1992, Varde. *Proceedings*. Varde: 1992. (no prelo).
- PICHT, Heribert. Vidensrepræsentation i termbanker og vidensbanker. In: 2. Nordisk Symposium om Terminologi, EDB og vidensteknik, 22–23/5/1992, Varde. *Proceedings*. Varde: 1992. (no prelo).
- REISS, Katharina. Was heißt und warum betreibt man Übersetzungswissenschaft? In: *Lebende Sprachen*, 1989, n. 3. p. 97–100.
- REITER, Rosa. *Veröffentlichungen. und Manuskripte von Eugen Wüster aus den Jahren 1959 bis 1975 — 09 (W 335 bis W 643)*. Rohentwurf einer Bibliographie. 1975. (manuscrito)
- ROALD, Jan; MYKING, Johan; PEDERSEN, Per-Bjørn. Terminol. Slutrapport fra et terminologisk prosjekt. In: *Norske språkdata 11*. Bergen: Nordisk institutt, Universitetet i Bergen, 1986.
- SANDØY, Helge; TORP, Arne; VANNEBO, Kjell Ivar. *et al.* (Eds.). *Sprakideologi og språkplan-legging j Noreg.*. Bergen: Nordisk institutt, Universitetet i Bergen, 1991.
- SCHLÖMANN, Alfred. *Illustrierte Technische Wörterbücher in sechs Sprachen: D-E-R-F-I-S*. Bd. 2 Elektrotechnik und Elektrochemie. 1928. (edição ampliada, melhorada e terminada)
- SEILER, Thomas Bernhard. Begriffe von Begriff: Analysen und Konzeptionen

- von Begriffen in der psychologischen Forschung. In: GANTER, B.; WILLE, R.; WOLFF, K. E. (Eds.). *Beiträge zur Begriffsanalyse*. Mannheim/ Viena/Zurique: 1987, p. 95–116.
- TOFT, Bertha; ROTH, Eva. *Mikroøkonomisk Glosar*. Herning: 1990.
- TOFT, Bertha. Begrebsrelationer: analyse af det teoretiske grundlag. In: 2. Nordisk Symposium om Terminologi, EDB og vidensteknik, 22–23/5/1992, Varde. *Proceedings*. Varde: 1992. (no prelo).
- VOLKOVA, Irina. Terminology, Classification and Knowledge Bases. In: International Conference on Knowledge Organization, Terminology & Information Access Management; NISKO, 1991, Batislava. *Proceedings*. Bratislava: 1991, p. 184–192.
- WARNER, Alfred. Internationale Angleichung fachsprachlicher Wendungen der Elektrotechnik. Versuch einer Aufstellung phraseologischer Grundsätze für die Technik. In: *ETZ*, Heft 4. Berlin: 1966. (em caderno anexo)
- WIEGAND, Herbert Ernst. *Was eigentlich ist Fachlexikographie?*. Heidelberg: 1987.
- WÜSTER, Eugen. *Internationale Sprachnormung in der Technik; besonders in der Elektrotechnik*. Bonn: 1970, 3. ed. revisada. (1. ed. 1931)
- WÜSTER, Eugen. Das Wortteil der Welt, schaubildlich und terminologisch dargestellt. In: *Sprachforum*, ano 3, caderno 3/4, 1959/60, p. 183–204.
- WÜSTER, Eugen. Die internationale Terminologie im Dienste der Informatik. In: *Monda Lingvo-Probl*, 1970, v. 2, p. 138–144.
- WÜSTER, Eugen. Begriffs- und Themaklassifikationen. Unterschiede in ihrem Wesen und in ihrer Anwendung. In: *Nachrichten für Dokumentation*, 22. 1971, n. 3, p. 98–104 e n. 4, p. 143–150.
- WÜSTER, Eugen. Die Allgemeine Terminologielehre — Ein Grenzgebiet zwischen Sprachwissenschaft, Logik, Ontologie, Informatik und den Sachwissenschaften. In: *Linguistics*, 1974, n. 119, p. 61–106.
- WÜSTER, Eugen. *Einführung in die Allgemeine Terminologielehre und Terminologische Lexikographie*. Viena: 1979, 1. ed./ Copenhague: 1985, 2. ed./ Viena: 1991, 3. ed. (edições inglesa e francesa: no prelo, 1993)